

# PROJETO QUERINO

O projeto Querino é apoiado pelo Instituto Ibirapitanga.

O podcast é produzido pela Rádio Novelo.

## **Episódio Extra: Água e fogo**

**Tiago Rogero:** E aí, gente, como cês tão?

Eu sou o Tiago Rogero e este é um episódio extra do podcast do projeto Querino.

É um episódio extra, então eu recomendo que você só ouça se já tiver escutado todos os outros oito episódios do podcast.

Mas, assim, cá entre nós, se você quiser começar por aqui também não tem problema. Até porque você vai reparar que este episódio é bem diferente dos outros.

Este episódio é um agradecimento.

Um agradecimento a todo mundo que ajudou a fazer nascer o projeto Querino,

um agradecimento a quem nos inspirou a fazer o projeto Querino,

e um agradecimento a você que ouviu todos os episódios e que compartilhou com tudo quanto é amigo, parente; até com gente que cê nem conhecia.

Primeiro eu queria contar rapidamente aqui uma história de origem do projeto Querino.

Eu já contei isso nas minhas redes, ou em entrevistas, então se você já ouviu ou leu essa história eu te peço pra segurar só um pouquinho que eu prometo que será rápido e que vai fazer todo sentido.

Em 2018, num sábado à noite, eu fui até o Centro do Rio pra ver uma mesa da Conceição Evaristo num festival literário.

A Conceição Evaristo, a nossa grande escritora, né?

A conversa era mediada pela Flávia Oliveira, a nossa grande jornalista, que é uma super referência profissional pra mim e pra tantas e tantos jornalistas pelo Brasil.

Daí a Conceição Evaristo disse assim: "Ensinam a Revolução Farroupilha nas escolas, mas não a Revolta dos Malês".

E aquilo bateu muito forte em mim.

Porque, de fato, eu já tinha ouvido muito falar da Revolução Farroupilha, já tinha visto até minissérie da TV Globo; mas não sabia quase nada sobre a Revolta dos Malês.

E foi por causa dessa fala da Conceição que eu decidi fazer alguma coisa, dentro do jornalismo, que ajudasse a contar essas histórias que eu não aprendi na escola, que eu não via na TV...

Aliás, é bom lembrar que não é que não existia esse tipo de conteúdo, contando uma versão mais completa da nossa História. O próprio Manuel Querino, que a gente homenageia com o nome do projeto, já fazia isso no fim do século XIX.

A questão é que, por uma série de motivos, e por causa desse país racista onde a gente vive, esse conteúdo que vem sendo produzido há décadas por intelectuais negros infelizmente não é tão divulgado como deveria.

E é isso que eu queria fazer, como jornalista: ajudar a fazer circular essa informação.

O primeiro passo foi o podcast Negra Voz, que eu fiz quando ainda trabalhava no Jornal O Globo.

Foram meses de pesquisa, produção e gravação de entrevistas, e quando eu tava prestes a lançar,

saiu isso aqui:

<<<< som de toca-fitas >>>>

**Nikole Hannah-Jones:** *They say our people were born on the water.*

**Tradução:** Dizem que o nosso povo nasceu na água.

**Tiago Rogero:** Este é um trecho do começo do primeiro episódio do podcast do projeto 1619 do New York Times.

Essa que tá falando é a jornalista Nikole Hannah-Jones, que criou o projeto.

**Nikole Hannah-Jones:** *From The New York Times Magazine, I'm Nikole Hannah-Jones. This is "1619."*

**Tradução:** Da Revista do New York Times, eu sou Nikole Hannah-Jones. Este é o "1619".

**Tiago Rogero:** Eu fiquei absolutamente encantado.

Se você não conhece, eu ainda não vou dar detalhes do que é o 1619.

Guenta aí só mais um tiquinho.

O 1619 foi lançado em agosto de 2019.

O Negra Voz já tava pronto, mas a gente só lançou em setembro. Foram cinco episódios.

E eu fui ouvindo o 1619 e ficando cada vez mais impactado. Fui lendo as matérias que saíram na revista do New York Times... Um trabalho grandioso.

Em outubro daquele ano, eu fui pros Estados Unidos participar de uma fellowship pra jornalistas. Passei uns dois meses aprendendo principalmente sobre a produção de podcasts, lá.

Quando eu voltei foi que eu conheci o pessoal da Rádio Novelo

e a turma do Instituto Ibirapitanga.

E aí rolou uma epifania:

e se

a gente fizesse uma versão brasileira do 1619?

Logo depois a gente já procurou a historiadora Ynaê Lopes dos Santos e apresentou pra ela a ideia. E ela topou ser a nossa consultora em História do projeto.

E já no começo de 2020 o trabalho teve início.

Daí foram meses de pesquisa, produção, gravações e edição;  
e no começo de 2022 também se juntou a nós a turma da revista piauí...

Foram 2 anos e 8 meses de trabalho até o lançamento do projeto Querino, em agosto de 2022.

Um esforço de mais de 40 profissionais.

Uma equipe majoritariamente negra e majoritariamente feminina.

Como eu disse mais cedo: este episódio é um agradecimento.

A cada uma dessas pessoas,

a você que nos ouviu e que nos ouve,

e um agradecimento também a quem nos inspirou.

**Tiago Rogero:** *Thanks so much, Nikole. So now this is just a formality, but I would like you to introduce yourself, please, starting with your name and then whatever words you usually use to describe yourself.*

**Tradução:** Muito obrigado, Nikole. E agora só uma formalidade, mas te peço pra você se apresentar, por favor, começando com o seu nome e aí todas e quantas palavras você geralmente usa pra se descrever.

**Nikole Hannah-Jones:** *Ok. My name is Nikole Hannah-Jones. I'm a journalist at the New York Times, and I'm the creator of the 1619 Project.*

**Tradução:** Ok. Meu nome é Nikole Hannah-Jones, sou jornalista, trabalho no New York Times, e sou a criadora do Projeto 1619.

**Tiago Rogero:** Eu avisei que este seria um episódio diferente, né?

Desde que a gente lançou os 8 episódios do podcast, a gente comentava internamente que só havia uma possibilidade de um episódio extra.

Só uma possibilidade.

Se rolasse uma entrevista com a Nikole Hannah-Jones, jornalista do New York Times que criou o 1619 Project, a grande inspiração pro projeto Querino.

E é isso que você vai ouvir agora, e na íntegra.

Se você tá ouvindo a versão com áudio original, cê vai ver que vez ou outra eu dou alguma derrapada no inglês. Mas é isso, gente, o importante é ser feliz.

Espero que cê goste.

**Tiago Rogero:** *So, Nikole, first of all, I would like to thank you for sitting down with me and for your generosity with projeto Querino from the very start. Just to explain to our listeners, I wrote Nikole an e-mail telling her about the project two months before the launch. And from this moment, from the get-go, she was extremely warm and receptive. And now we have been able to find a time to sit down and record this conversation. So all that to say, first and foremost, first and foremost, thank you, Nikole, for sitting down with me and having this conversation.*

**Tradução:** Então, Nikole, em primeiro lugar quero te agradecer por esta conversa e pela sua generosidade com o projeto Querino desde o início. Pra explicar pros ouvintes: eu mandei um e-mail pra Nikole dois meses antes do lançamento, contando do projeto. E desde então, desde a largada, ela foi muito atenciosa e receptiva. E agora encontramos tempo pra sentar e gravar esta conversa. Só pra dizer, antes de qualquer coisa: obrigado, Nikole, por topar conversar comigo.

**Nikole Hannah-Jones:** *Absolutely. I was, I was, as you know, so excited when you reached out to me and said that you all were going to do this project there in Brazil. I've always, you know, from the moment the 1619 project came out said I hope to see something similar in Brazil. So I was happy to be an encouragement, but also just so excited about the work you all did and what you produced.*

**Tradução:** Claro. Eu fiquei muito feliz quando você me escreveu e contou que iam fazer esse projeto no Brasil. Sempre, desde o início do 1619, eu tinha a esperança de que houvesse um projeto assim no Brasil. Fiquei muito feliz do 1619

ser uma inspiração pra vocês, e também muito animada pra ver o que vocês produziram.

**Tiago Rogero:** *Great. So, Nikole, many people here in Brazil have read the 1619 project articles in The New York Times Magazine and have heard the podcast. And I have spoken to people here in Brazil who have already read the book, also. But for someone who hasn't had contact with any of that, how would you explain what is the 1619 project?*

**Tradução:** Ótimo. Então, Nikole, muita gente aqui no Brasil leu os artigos do 1619 na revista do NY Times e também ouviu o podcast. E eu conversei com pessoas aqui no Brasil que também já leram o livro. Mas, pra quem não conhece, como você explicaria o que é o 1619?

**Nikole Hannah-Jones:** *Sure. So the 1619 project is a work of journalism that first published in the year 2019. That is, that was the 400th anniversary of the first Angolans being sold into the British colony of Virginia. So the first 20 to 30 Angolans were sold into Virginia on August of 1619. And so what the project seeks to do is, through a series of essays as well as a podcast, really argue that so much of modern American life has been shaped by the legacy of slavery. And in the United States, much like in Brazil, we really have tried to marginalize that History, to treat slavery as kind of an asterix, when we know that slavery was foundational both to the economies of our countries, but also to the political systems, social, culturally, legal systems. So this project is not really about the past. It's about the way the past has shaped modern America.*

**Tradução:** Claro. O Projeto 1619 é um trabalho de jornalismo publicado em 2019, portanto no aniversário de 400 anos da chegada dos primeiros angolanos na colônia britânica da Virgínia. Então os primeiros de 20 a 30 angolanos foram vendidos pra Virgínia em agosto de 1619. O que o projeto pretende fazer é, por meio de uma série de ensaios e também de um podcast, mostrar que muito da vida americana moderna foi formada pelo legado da escravidão. E que nos Estados Unidos, assim como no Brasil, tentamos marginalizar essa história, tratando a escravidão como uma nota de rodapé, quando sabemos que na verdade ela foi o fundamento das economias dos nossos países, mas também dos seus sistemas político, social, cultural, legal... Então esse projeto não é sobre o passado. É sobre como o passado formou a América moderna.

**Tiago Rogero:** *And what led you to make the 1619 project? Can you describe how you made that decision?*

**Tradução:** E o que te levou a fazer o 1619? Pode contar como foi essa decisão?

**Nikole Hannah-Jones:** Sure. So I've been kind of obsessed with the year 1619 since I was 15 years old as a high school student. My high school offered a one semester African-American studies elective course, and I took that class. And in one of the books I read for that class, I came across the date 1619 and the story of the White Lion, which is that first ship. And even then, as a Black girl who hadn't been taught very much about slavery, hadn't been taught very much about Black Americans and Black contributions. I understood how powerful that date was because that date meant slavery and Africans were some of the first people ever non-Indigenous people to ever be in the original colonies that would become the United States, but also that people had chosen not to teach us these things. And so it both stood in for a lineage, a 400-year lineage, but also a 400-year effort to hide the crime. So I've been thinking about that day for a very long time. And as the 400th anniversary of American slavery was approaching, I really wanted to create a project that would force a reckoning with the fact that slavery is one of the oldest institutions in America, that slavery predates the founding of the United States by 150 years, and that so many of our most prominent founders, of course, got their wealth from slavery and the slave trade. And so I wanted to use that moment to really create this project. And I knew the project had to be big because how do you tell a 400-year story? It couldn't just be one essay. It really needs to be an expansive project that brought in many different descendants of American slavery to tell this story. So I conceived of it as an entire issue of the New York Times Magazine, with each essay tackling a different part of modern American life that would be connected to slavery in surprising ways. So, of course, the first essay, which has been translated into Portuguese is democracy. The second essay is on capitalism. And then there were a series of essays, and then we also did a podcast, but the idea was in some ways something I had been working towards most of my life, and I've spent most of my career as a journalist trying to show how the history of racism and slavery and anti-Blackness leads to the inequality that we see in American life, right? Just as in Brazil and just as in all across the Atlantic world, Black people who descend from slavery are at the bottom of every indicator of well-being in our society. Highest poverty rates, lowest educational rates, highest incarceration rates, lower life expectancy, high infant and maternal mortality rates, literally everything that you can measure. And yet somehow we're taught that the fact that Black people, no matter where they are in the Americas, suffer at the bottom, that that has nothing to do with slavery and nothing to do with the legacy of slavery. And so I really wanted to force a reckoning with how slavery shaped America.

**Tradução:** Eu sou meio obcecada com o ano 1619 desde que eu tinha 15 anos, ainda na escola. No ensino médio, a minha escola oferecia um curso eletivo de um semestre sobre história afro-americana, e eu fiz esse curso. Em um dos livros que lemos, tinha a data 1619 e história do White Lion, o navio que trouxe essas pessoas. E mesmo sendo uma adolescente negra que não tinha aprendido quase nada sobre a escravidão, nem sobre os americanos negros e as suas contribuições, eu entendi o poder dessa data, porque ela mostra que a escravidão e os africanos foram algumas das primeiras pessoas não-indígenas a pisar na colônia que se tornaria os Estados Unidos. E também que havia uma escolha deliberada de não nos ensinar nada disso. Então era como uma linhagem, uma linhagem de 400 anos, mas que representava também 400 anos de esforços pra esconder esse crime. Penso nessa data há muito tempo. E como estava chegando o aniversário de 400 anos da escravidão norte-americana, eu queria muito criar um projeto que forçasse o reconhecimento do fato de que a escravidão é uma das instituições mais antigas do país. A escravidão começou 150 anos antes da fundação dos Estados Unidos e os homens mais celebrados, os que fundaram a nação, fizeram fortuna, é claro, por meio da escravidão e do comércio de escravizados. Então a minha ideia era usar esse momento pra criar o projeto. E eu sabia que precisaria ser um projeto grande porque como é possível contar 400 anos de história? Não seria com um texto só. Precisava mesmo ser um projeto expansivo, que trouxesse muitos descendentes de escravizados pra contar essa história. Então pensamos em um exemplar inteiro da revista do New York Times, com vários ensaios, cada um tratando de um aspecto diferente da vida americana moderna conectado à escravidão de maneira surpreendente. Então, claro, o primeiro ensaio, que foi traduzido no Brasil, é sobre democracia. E o segundo fala de capitalismo. E aí tem uma série de outros ensaios, e também um podcast, mas é uma ideia que eu de certo modo venho construindo a vida toda. Passei a maior parte da minha carreira como jornalista tentando mostrar como o histórico de racismo, escravidão e antinegitude leva à desigualdade que temos hoje no país. Assim como no Brasil, e em todo o mundo Atlântico, os negros descendentes de escravizados estão na base e de todos os indicadores de bem-estar da sociedade. São as maiores taxas de pobreza, as mais baixas de educação, as mais altas taxas de encarceramento, a menor expectativa de vida, a mais alta mortalidade materna e infantil, literalmente qualquer coisa que possa ser medida. E ainda assim nos ensinam que esse fato — de que os negros, em qualquer lugar das Américas, sofrem na base da sociedade — não tem nada a ver com a escravidão, nem com o legado da escravidão. Então eu



queria forçar o reconhecimento desse fato, de que a escravidão formou o país que temos hoje.

**Tiago Rogero:** *And also the the version in Portuguese of that the first essay, for Revista Serrote, is also on Querino's website, we posted the link, so everyone who is listening can find this this translation on our website. Nikole, considering everything that has happened since the project's release in August of 2019, was the was the United States ready for a project like that?*

**Tradução:** E a versão em português desse primeiro ensaio, que saiu na revista Serrote, está também no site do projeto Querino. Nós postamos o link, então quem estiver ouvindo consegue encontrar essa tradução no nosso site. Nikole, considerando tudo que aconteceu desde o lançamento do 1619, em agosto de 2019: você acha que os Estados Unidos estavam preparados pra um projeto assim?

**Nikole Hannah-Jones:** *You know, it's funny. I would have to argue, yes, the United States was ready for this project because you would not see the type of pushback that the project has faced if millions of Americans didn't want to read the project, were not reading the project, were not sharing the project. Had the project published and no one cared, legislators wouldn't care about it either. So I think what... I think a few things made America ready for this project. One, you know, we had had eight years of a Black president, the first Black president in the History of our nation. And so a lot of people, particularly white Americans, believe that that was a signal that we had finally left behind our racist past, that we were a post-racial society. And then, of course, we elect Donald Trump, who is a open white-nationalist. And so I think a lot of Americans were wanting to understand how does the country that could twice elect a Black man as president follow his election by an openly white-nationalist president? And the 1619 Project comes in that moment and really, I think, helps explain our country to itself. So we were ready. But there are clearly certain elements of our society, the people who have been the gatekeepers of kind of our national memory, the people who have gotten to who... who very much want to cling to our racial hierarchy, who want to be the only ones who get to tell the story of, you know, American exceptionalism, and our founding as this divide moment... Who think that this project is very dangerous, and that that to me is why the project is successful. If those in power who have justified the way they will, their power by lying about our History, think this project is dangerous, then that's that's a good thing to me.*

**Tradução:** Sabe, é interessante. Eu teria que responder que sim, os Estados Unidos estavam preparados pra este projeto. Porque senão não veríamos a

reação contrária que o projeto recebeu, se milhões de americanos não quisessem ler, nem ouvir, nem estivessem compartilhando o 1619. Se o projeto tivesse sido publicado e ninguém ligasse, o Congresso também não daria importância. Então eu acho que algumas coisas deixaram os EUA prontos para esse projeto. Um aspecto importante é que tivemos oito anos de um presidente negro, o primeiro presidente negro da História do país. De modo que muita gente, especialmente os brancos, acreditaram que aquilo era um sinal de que tínhamos deixado pra trás nosso passado racista, de que tínhamos nos tornado uma sociedade pós-racial. E aí, é claro, elegemos o Trump, que é abertamente supremacista. Então acho que muitos americanos queriam entender como aconteceu de um país que elegeu duas vezes um negro pra presidência pôde em seguida eleger alguém tão abertamente racista. E o 1619 chega nesse momento, e eu acho que de fato o projeto ajuda a explicar o país pra si mesmo. Então, sim, estávamos preparados. Mas há certamente setores da nossa sociedade... pessoas que foram desde sempre os guardiões da memória nacional, que se acostumaram a... que realmente são apegados à nossa hierarquia racial, que querem ser os únicos a controlar a narrativa do que eles chamam de excepcionalismo americano, e da fundação do país como um divisor de águas na nossa História. Essas pessoas acham o projeto muito perigoso, e pra mim isso é a prova de que o projeto foi bem sucedido. Se os que estão no poder, que justificam seu poder mentindo sobre a nossa História, se eles acham o 1619 perigoso, eu acho isso bom.

**Tiago Rogero:** *And the next question is also about that, because seeing from a distance from what I've read about the project and also interviews that I have heard and also read. I think it's maybe possible to divide the reactions to the 1619 Project into two buckets. First you have the people mostly Black people, but not only Black people, who were deeply affected by the information they learned through the project. And then you also have another group of people who attacked the project, such as the former president, Donald Trump. With these two buckets in mind, how would you say the reaction has been and continues to be from the launch to this day?*

**Tradução:** E a próxima pergunta é também sobre isso, porque vendo de longe, e pelo que li e ouvi em entrevistas suas, acho que dá pra dividir a reação ao projeto em dois campos. Primeiro tem as pessoas, majoritariamente negras, mas não só negras, que ficaram profundamente afetadas pela informação que aprenderam. E aí tem o outro grupo de pessoas que atacam o projeto, como o ex-presidente Donald Trump. Pensando nesses dois campos, como você descreve a reação que houve e que continua desde o lançamento?

**Nikole Hannah-Jones:** *So this project has become so much bigger than I ever could have imagined when I first pitched the project. And yes, it has been widely embraced by Black Americans, but it's also been widely embraced by white Americans. I, for three years have lived on the road, traveling from city to city to talk about the project. And frankly, if only Black people were embracing the project, these conservative white politicians in the United States would not care about the project. The project is being taught in about 5.000 schools in America, many college instructors are teaching the project, we are turning the project into a six part documentary series that is going to run on on Hulu, in one of our major network television. So the most common response that I get from people who actually read the project; so let's be clear, many other people who despairs the project have not read the project. They've... The project has become part of a massive propaganda campaign in the United States that's called critical race theory or anti-critical race theory. It's been used as a political wedge because much like the election that is occurring right now in Brazil, we have an extremely polarized society and a political party that is using race as, as a divide... And so the project has gotten caught up in that. But you certainly would not see that type of response if people were not reading the project. And people who read the project really come away saying: 'I just didn't know. I had no idea that these things had happened. I had no idea that our country had this History'. You know, we were more advanced in how we talk about slavery and racism in the United States than Brazil, but we're not advanced. Right? We still... We have to talk about slavery because we have to talk about the Civil War in the United States, but we're not talking about, you know, the fact that most of our founders engaged in slavery. We don't talk about the role that slavery played in the American Revolution. We don't talk about the fact that American capitalism was built on slavery, that it wasn't just, you know, the few white men in the South who enslaved people, but the shipbuilders, the bankers, the insurance companies, right?, the factory workers, the textile workers, all of these industries early in America, we just don't learn that History. And we also don't learn really the violence and brutality that continued to be deployed against Black people even after slavery ended. So the most common response is people feel like their eyes have been opened to their country for the first time and it's deeply uncomfortable. I think it's shocking to realize that you've spent your entire life learning a History that is of a country that never actually existed. This, maybe more so than Brazil, is our identity and in the United States is so intertwined with this belief in exceptionalism that, you know, 'we are the freest country the world has ever created. We are the oldest, you know, continuing democracy in the world, that we were founded on these ideals of liberty, of God*

*given rights'... And and that is so inherent in the identity of America, that grappling with the fact that we were founded on ideals of freedom and the practice of slavery is very, very challenging for most Americans. So people respond in different ways to that knowledge. But those who have an open mind are grateful because, you know, we had an insurrection on our Capitol on January 6, the year before last and... or, excuse me, last year, and and the History we're taught doesn't explain why these white conservatives don't want democracy if democracy is being determined by people of color. The story of 1776 doesn't explain that, but the story of 1619 does... And I hope, I hope we get to talk about your project in this interview, too, because I have questions for you.*

**Tradução:** Então, este projeto se tornou muito maior do que eu poderia imaginar quando fiz o pitch, lá atrás. E, sim, foi abraçado pelos leitores e ouvintes negros, mas também muito por pessoas brancas. Por três anos eu vivi 'na estrada', viajando de cidade em cidade pra falar sobre o projeto. E, francamente, se só tivesse sido abraçado por pessoas negras, os políticos conservadores não dariam a menor bola. O projeto está no currículo de mais de 5.000 escolas no país todo, muitos professores universitários estão usando em sala de aula, vai virar um documentário de 6 episódios no Hulu e em uma das grandes redes de TV aberta. A reação mais comum das pessoas que leram o projeto, e vamos deixar claro que muita gente desqualificando o 1619 nem leu, nem ouviu o projeto. O projeto se tornou peça de uma propaganda massiva nos Estados Unidos chamada teoria racial crítica ou teoria racial anti-crítica. Foi usado como gatilho pra polarização política porque, exatamente como acontece no Brasil agora, vivemos numa sociedade extremamente polarizada e um dos partidos está usando a questão racial como um divisor... E o projeto acabou capturado por esse debate. Mas não se vê esse tipo de resposta de quem de fato leu o material. O que dizem essas pessoas que leram é: 'Eu não sabia, não tinha ideia de nada disso, não conhecia essa História do nosso país'. Porque, sabe, estamos mais avançados no debate racial aqui do que no Brasil, mas isso não quer dizer que estejamos avançados de verdade, certo? Falamos sobre escravidão porque temos que falar sobre a Guerra Civil americana. Mas não falamos, por exemplo, do fato de que quase todos fundadores da nação eram senhores de escravos. Não falamos sobre o papel da escravidão na Guerra de Independência. Não falamos que o capitalismo americano se construiu em cima da escravidão, que não eram só uns poucos homens brancos do sul do país que escravizavam pessoas. Eram armadores, banqueiros, companhias de seguro, certo? Os escravizados eram quem trabalhava nas fábricas, na indústria têxtil, em todos os setores da economia do novo país. E nós simplesmente não aprendemos isso na escola. E também não aprendemos sobre a violência e a

brutalidade que continuou a existir contra os negros mesmo depois do fim da escravidão. Então a reação mais comum que eu vejo são as pessoas achando que seus olhos se abriram de repente, que entendem a História do seu próprio país pela primeira vez e é uma sensação muito desconfortável. Eu acho que deve ser chocante perceber que você passou a vida toda aprendendo a História de um país que na verdade nunca existiu. Esta, talvez até mais do que no Brasil, é a nossa identidade nos Estados Unidos. Está muito entrelaçada com a crença no excepcionalismo americano, a ideia de que somos o país mais livre que jamais existiu, a democracia contínua mais antiga, fundada com base em ideais de liberdade, de direito divino... E isso é tão inerente à identidade americana que torna-se um desafio enorme entender que na verdade fomos fundados sobre ideais de liberdade com escravidão. Isso é um conceito muito difícil pra maioria dos americanos processarem. Então as pessoas reagem de muitas maneiras diferentes ao que aprendem no projeto. Mas os que têm a cabeça aberta ficam gratos porque, sabe, tivemos a insurreição no Capitólio em 6 de janeiro, no ano retrasado... não, no ano passado, e a História que nos ensinam não explica por que esses conservadores brancos não querem a democracia se seus rumos forem determinados por americanos não-brancos. A história contada sobre 1776 não explica por quê, mas aquela sobre 1619, sim. E eu espero que a gente possa falar também sobre o seu projeto, porque eu tenho perguntas pra você.

**Tiago Rogero:** *Oh, yeah, definitely. We are going to.*

**Tradução:** Ah, sim, claro. Nós vamos!

**Nikole Hannah-Jones:** *Ok.*

**Tiago Rogero:** *So another question about 1619: you wrote in the book and you have also told in this conversation that we are having, that you learn in school in another book... that your first came with the year 1619. Even so, you said that in general the History that you have learned in school as a kid was a narrative that effectively erased the contributions of African-American and ignored the production of knowledge in the African societies. And I was 'hearding' an interview that you gave to NPR's Throughline, I think, in which you said that you were surprised to learn that Egypt was a part of Africa when you were in school. And this is such mind-boggling, because here in Brazil, we have that same experience. Like, for me, it was the same thing. The moment I was 'hearding' this interview of you, like, I got goosebumps. Right now I'm having also, because this is so crazy, we are*

*from two different countries and we have the same background. So my question is: what do we lose when that story isn't told and what do we gain when it is told?*

**Tradução:** Mais uma pergunta sobre o 1619: você escreveu no livro e também já disse isso aqui na nossa conversa que você descobriu a data 1619 num livro da escola. Mesmo assim, você diz que em geral a História que te ensinaram era uma narrativa que apagava as contribuições dos afro-americanos e ignorava a produção de conhecimentos nas sociedades africanas. E eu ouvi uma entrevista sua ao programa Throughline, acho, da NPR, em que você diz que se surpreendeu na escola quando descobriu que o Egito fica na África. E eu, e isso é inacreditável, porque aqui no Brasil temos essa mesma experiência. Assim, pra mim foi igual. Quando eu estava ouvindo essa sua entrevista, fiquei arrepiado. E agora também. Porque é muito louco que somos de dois países diferentes e temos a mesma história. Então a minha pergunta é: o que a gente perde quando essa História não é contada e o que a gente ganha quando ela é?

**Nikole Hannah-Jones:** *Oh, that's such a great question. And really, I think, gets to the heart of both of our projects. History, of course, is what happened on what day and who did it. You know, all of these things happened, whether we learn about them or not. But the way that we... when we talk about History, commonly, we're really talking about memory. Right? We're really talking about what are we taught about what happened and who do we focus on and what stories are important. And all of that is shaping our understanding of our society, our understanding of our world and our understanding of ourselves. And so the fact that, you know, we both grow in societies that have rampant anti-Blackness, that have really tried to minimize the contributions of Black people, not just in our own countries, but across the globe, is how we get to the point of, you know, you can't say that we are people without a History or we are people who didn't have a knowledge of science and of art and an intellect... and then teach us that Egypt is in Africa. Now, I also don't remember anyone ever saying Egypt wasn't in Africa because of course no one taught us that. And I think what that speaks to is how we learn things just from the silences. Right? Like what is our image of Egypt? How are we taught to think about these things? And that is so important. You actually do come to believe that only Europeans contributed knowledge to the world, and art to the world, and science to the world, because it's what's called the known world. Right? That absence means it doesn't exist to you. If you're if you're not taught about these things, they don't exist. And as Black people, we are internalizing that as well. Right. We know that we're human, but we were enslaved, so maybe we were inferior because how could they enslave us and why didn't we produce any knowledge? You know, even when you think about... There's a book I love it's called 'Black*

*Marxism', and it's written by Cedric Robinson, and he talks about as the chattel slave trade really develops, europeans have to create the Negro. And the Negro is someone who has no History and no past. We are a blank slate here. So all of the knowledge that we had in a place like Timbuktu, right?, when we think about the Mali empire, the Ghanaian empire, all of that gets erased. And we have people who come here who apparently don't know agriculture, don't know iron working, right?, don't have literature, and none of that is true. So that erasure is really intentional and it's really devastating not just for us, but in a multiracial society when we're trying to share power and we're trying to kind of build a collective good, if one race thinks that they are the only ones who have ever contributed anything and other races they really haven't contributed much... So they're the million stories like that. You know, your whole project is based on those silences and those erasures, and these silences are not benign. They're very harmful. I remember when I was a kid, it must have been maybe in middle school when I was watching the Olympics with my father and there was a Brazilian swimmer in the Olympics and the person was Black. And my dad, who was kind of casually watching looks and sees the Black swimmer because, of course, there were very few black swimmers. And he said: 'Where is that, where's that soul brother from?' And I said: 'He's from Brazil'. And my dad goes: 'There's no Black people in Brazil, ne's not from Brazil'. And I'm like: 'It said, he was from Brazil!'. And I, I always remember that moment because of course I would later come to learn that majority of Brazilians have African ancestry and that, you know, Brazil has the largest population of African descended people outside of Nigeria, but as a child, both my grown father and myself, the image of Brazilians were white and we didn't even learn that Brazil had slavery. Right? And so you're just like, how do we get knowledge shaped in this way? And how dangerous is that then to our understanding of the world? And I think that's why projects like ours have to exist, but that's also why projects like ours get contested.*

**Tradução:** Ótima pergunta. E, realmente, eu acho que ela chega ao cerne dos nossos dois projetos. A História, é claro, é o que aconteceu e quando e com quem. Porque tudo isso aconteceu, quer nos ensinem, quer não. Mas a forma como... quando falamos de História, em geral queremos dizer memória, né? Estamos na verdade falando do que aprendemos sobre o que aconteceu e em quem focamos a nossa atenção e quais narrativas são importantes. E tudo isso forma nosso entendimento da sociedade, nosso entendimento do mundo e de nós mesmos. Nós dois crescemos em sociedades com comportamento antinegitude muito disseminado, sociedades que tentaram minimizar as contribuições dos negros, não só nos nossos dois países, mas no mundo todo. E é assim que chegamos a este ponto, não dá pra dizer que somos um povo sem

História, um povo sem ciência, sem arte, sem intelecto... e aí explicar que o Egito fica na África. Agora, eu também não lembro de ninguém dizendo que o Egito não fica na África porque é claro que ninguém dizia isso. Eu acho que isso demonstra como aprendemos também com os silêncios. Certo? Assim, qual a nossa imagem do Egito? Como você começa a pensar sobre tudo isso? É muito importante. Começamos de fato a acreditar que somente os europeus contribuíram com conhecimento, arte e ciência pro mundo. Porque é o chamado mundo conhecido, né? Essa ausência então não existe pra nós. O que não é ensinado, não existe. E os negros internalizam isso também, certo? Sabemos que somos seres humanos, porém fomos escravizados, então talvez sejamos inferiores mesmo porque... como eles conseguiram nos escravizar... E por que não produzimos conhecimento? Quando a gente para pra pensar... tem um livro chamado "Marxismo Negro", escrito pelo Cedric Robinson, e lá ele explica que, pro comércio de escravizados se desenvolver, os europeus tiveram que inventar "o negro". E o negro é alguém sem história e sem passado. Éramos tábula rasa aqui. E assim todo o conhecimento que tínhamos de lugares como Timbuktu, por exemplo... quando pensamos no Império Mali, no Império Ganense, tudo que é apagado. E as pessoas chegavam aqui supostamente sem conhecer agricultura, metalurgia, certo? Sem literatura. E nada disso é verdade. Esse apagamento é realmente intencional e é devastador não apenas pra nós, mas em uma sociedade multicultural em que estamos tentando partilhar o poder em prol do bem comum, se uma raça pensa que é a única que jamais contribuiu e as outras não... São milhões de histórias assim. Sabe, o seu projeto é inteiro baseado nesses silêncios, nesses apagamentos, e os silêncios não são benignos. São extremamente danosos. Eu lembro de quando era criança, devia estar na 6ª ou 7ª série, estava assistindo as Olimpíadas com o meu pai e tinha um nadador brasileiro que era negro. E meu pai, que estava assistindo meio distraído, vê esse nadador — e claro, tem poucos nadadores negros. E ele diz: "De onde é esse irmão?" e eu: "Do Brasil". E meu pai respondeu: "Não existem negros no Brasil, ele não pode ser do Brasil". E eu: "Disseram ali que ele é do Brasil". Sempre lembro desse momento porque, é claro, depois eu aprendi que a maioria dos brasileiros têm ascendência africana e que, sabe, o Brasil tem a maior população negra depois da Nigéria. Mas quando eu era criança, pra mim e pro meu pai, a imagem que a gente tinha dos brasileiros era de que eles eram brancos e sequer aprendemos que houve escravidão no Brasil. Entendeu? Então você fica... como pode o conhecimento ser construído assim? E como isso é um perigo pro nosso entendimento do mundo. Por isso projetos como os nossos precisam existir, mas é também por isso que os nossos projetos são contestados.



**Tiago Rogero:** *Yeah, definitely. So another question that I have about that same interview and that, which I thought... this is really lovely. It was your explanation about how you use not only a photo of your father in the book, but also featured images of other non-famous Black people in the U.S. throughout the book. So: would you mind telling us how and why you made that choice?*

**Tradução:** Sim, com certeza. Outra pergunta sobre essa mesma entrevista, porque quando eu ouvi pensei: é lindo isso... Foi uma explicação sua sobre o uso no livro não só de uma fotografia do seu pai, mas também imagens de outras pessoas negras comuns, gente que não é famosa. Você pode contar pra gente por que fez isso?

**Nikole Hannah-Jones:** *Absolutely. So we know that the way that human beings justify our a barbaric institution like chattel slavery is through the process of dehumanization that you clearly know it is not moral to whip people, to abuse people, to force them to labor, to rape women, to force, sell children. Right? We know that all of this is wrong. So dehumanization is saying: 'These people don't feel like we feel, they don't love their children like they love their children, Black women just love having sex all the time, so you can rape them', we are like animals... That becomes a necessity to maintain an institution like chattel slavery, particularly in an advanced society. And so when we were creating this book, we realized, you know, so much of this book is just devastating. It is hard. It is about the violence, it is about the terrorism. It's about the brutality that Black people have faced. And we never want it for a moment the reader to be able to escape the humanity that... of the people that all of this terror was being visited upon. And also, we wanted it to be clear that despite everything that Black people have suffered, our lives were not merely defined by suffering. That we loved, we laughed, we had hope, we had ambition. And so what each of the images and... the images are... they're archival images of Black Americans through time. Some of them go all the way back to, you know, the first photographs, the invention of photography. And some of them are only two years old. We wanted to force a pause before each essay, where you would have to look in the face of a Black American, either someone born into slavery or someone descended from slavery, and see that humanity and see just Black people being human beings before every essay. And as I said in that interview: you shouldn't have to do that, but we know because of how rampant anti-Blackness is, that we sometimes have to remind people that Black people are just humans like everyone else. And I think those images are a powerful reminder of that.*

**Tradução:** Sim, claro. Sabemos que a forma como a humanidade justifica a instituição bárbara da escravidão é por meio de um processo de desumanização, porque claramente não é moralmente aceitável açoitarem pessoas, abusar delas, forçá-las a trabalhar, estuprar as mulheres, vender as crianças, certo? Sabemos que tudo isso é errado. Então a desumanização declara: essas pessoas não têm sentimentos como nós, não amam seus filhos como nós amamos os nossos, as mulheres negras só querem sexo o tempo todo, então é normal estuprá-las. Somos como animais... Isso torna-se uma necessidade pra manutenção de uma instituição como a escravidão, especialmente numa sociedade avançada. E quando estávamos concebendo o livro percebemos que muito do que está ali é devastador. É duro. É sobre violência, terrorismo. A brutalidade enfrentada pelos negros. E não queríamos que o leitor pudesse, nem por um segundo, se esquivar da humanidade disso tudo... da humanidade das pessoas contra quem esse terror foi perpetrado. E queríamos também deixar claro que, apesar de tudo que os negros sofreram e sofrem, nossas vidas não são definidas só por sofrimento. Nós amamos, rimos, temos esperança, ambição. Então cada uma dessas imagens no livro... São imagens de arquivo de negros americanos através dos tempos. Algumas são as primeiras fotografias, da época da invenção da fotografia. Outras foram feitas há dois anos. Queríamos uma pausa antes de cada ensaio, em que você tivesse que se deparar com o rosto de um americano negro, nascido escravo ou descendente de escravos, e ver essa humanidade e se confrontar com a ideia de que os negros são seres humanos antes mesmo de ler o ensaio. E como eu disse naquela entrevista: isso não deveria ser necessário, mas sabemos que a atitude antinegritude é tão disseminada que às vezes precisamos lembrar os leitores de que os negros são gente como todo mundo. Acho que essas imagens são uma lembrança poderosa dessa ideia.

**Tiago Rogero:** *So this is the last question only about the 1619 Project and on the next one we are going to talk about Querino.*

**Tradução:** Última pergunta sobre o 1619 e depois a gente começa a falar do Querino.

**Nikole Hannah-Jones:** *Ok.*

**Tiago Rogero:** *You're... This this question is about your Twitter account, actually, because your name on Twitter is either Ida Bae Wells, which is an homage to the intellectual, journalist and civil rights activist Ida B. Wells, who was born in 1862.*

*How would you say that learning from the struggles of the past can lend us the strength and the tools to fight today's struggles?*

**Tradução:** É uma pergunta sobre a sua conta no Twitter, porque o seu nome no Twitter é Ida Bae Wells, que é uma homenagem à intelectual, jornalista e ativista dos direitos civis Ida B. Wells, nascida em 1862. Como você acha que aprender com as lutas do passado pode nos dar a força, e também as ferramentas, pras lutas de hoje?

**Nikole Hannah-Jones:** *Oh, that's, that's such a great question because I take great strength from studying my ancestors and seeing the resilience and the determination of people who had none of the rights that I'm able to enjoy. So, you know, when things seem like they're hard, I just remind myself like: I don't know struggle, right? Even my own direct ancestor, you know, my grandmother was born on a cotton plantation, into a system of coerced labor called sharecropping, in deep poverty in apartheid Mississippi at a time, 1926, when Black people had no political rights in that state. So to me, when we think about our ancestors and all that they bore, it is a testament to our strength as a people. It is a testament to the fact that we have to be able to dream of a world that we know we may never live to see, but that hopefully one day we will become good ancestors to those who come after us. So when I think about myself as a journalist, I constantly remind myself of Ida B Wells, hoping that I would have, you know, an ounce of the courage that she had and also the determination, and to have a similar impact in moving the rights for humanity of Black people forward.*

**Tradução:** Essa é uma ótima pergunta porque eu me sinto fortalecida estudando meus antepassados e vendo a resiliência e a determinação de quem não tinha nenhum dos direitos de que eu posso usufruir.. Então, sabe, quando as coisas estão difíceis, eu lembro que eu sequer sei o que é luta, né? Mesmo meus antepassados diretos, a minha avó. Ela nasceu numa fazenda de algodão, num sistema de trabalhos forçados chamado sharecropping, vivendo na miséria no Mississippi do apartheid, em 1926, quando os negros não tinham direitos políticos naquele estado. Então, pra mim, quando penso nos nossos antepassados e em tudo que eles sofreram, é um testemunho da nossa força como povo. É um testemunho de como podemos sonhar com um mundo que talvez não vejamos, mas que nos permita sermos bons antepassados pros que vierem depois. Então quando eu penso no meu trabalho de jornalista, fico constantemente com a Ida B. Wells na cabeça, na esperança de ter, sabe, um grama que seja da coragem dela, e também da sua determinação, e de ter um impacto semelhante em avançar os direitos pra humanidade do povo negro.

**Tiago Rogero:** *So talking about Querino now: are you aware of any other 1619-inspired project that have been released elsewhere in the world?*

**Tradução:** Agora sobre o Querino: você sabe de algum outro projeto inspirado no 1619 em outro lugar do mundo?

**Nikole Hannah-Jones:** *No, I think Brazil is the first actual entire project outside of the United States that I've seen. And it's fitting. I mean, literally, you know, when I came to Brazil right before the pandemic to talk about 1619, I said: 'I have to bring this project to Brazil because Brazil needs one for many reasons'. So to me, it's fitting that this would be the first one.*

**Tradução:** Não, que eu saiba o Brasil é o primeiro a ter um projeto inteiro fora dos Estados Unidos. E faz sentido, quer dizer, literalmente, sabe, quando eu fui ao Brasil logo antes da pandemia falar sobre o 1619, eu disse: "Preciso trazer esse projeto pra cá porque o Brasil precisa dele, por muitos motivos". Então, pra mim, faz todo sentido que o Brasil seja o primeiro.

**Tiago Rogero:** *Yeah, that's amazing. And I told you on our first e-mail that I was going to go to one of your lectures here in Brazil. The one in Rio.*

**Tradução:** Sim, é incrível isso. E eu te contei, no primeiro e-mail, que eu ia assistir uma das suas palestras, a que você faria no Rio...

**Nikole Hannah-Jones:** *Yes.*

**Tiago Rogero:** *But then the pandemic came right in the middle of it. But I got to see the the one that was transmitted online, it was with a great friend of mine, Flavia Oliveira...*

**Tradução:** Mas aí veio a pandemia. Mas eu assisti uma que foi transmitida online, uma com uma grande amiga minha, a Flávia Oliveira...

**Nikole Hannah-Jones:** *Yes.*

**Tiago Rogero:** *She's wonderful. And also it was a great inspiration for Querino, and also helped me a lot during the process. So the next question: I sent you there translated transcript of the first episode, and we, all of us here in the in the team of projeto Querino, we are excited... We are longing for knowing what have you think of it, what have you thought of it?*

**Tradução:** Ela é incrível. E foi também uma grande inspiração pro Querino, e me ajudou muito durante o processo. Então a próxima pergunta é: eu te mandei a tradução da transcrição do primeiro episódio e nós, todos aqui na equipe do Querino, estamos cheios de expectativa, querendo saber a sua opinião. O que você achou do Querino?

**Nikole Hannah-Jones:** *I... So, so one: I was sad when the transcript ended when I got to the bottom because I was so enthralled in the storytelling. I love that the project is named after, you know, the father of, we could say, Black Brazilian History, but Black Brazilian History is Brazilian History, so in some ways is the father of Brazilian History, that is more truthful. It was just, it was so fascinating to me. And as I was saying, when we first logged in, I just wasn't aware of how many parallels there are between the founding of Brazil and the tensions over whether Brazil would be a slave or free society, and how those... that is so similar, of course, of the founding of the United States. And of course, we both know, you know, the way that you move back and forth from the present to the past, that what we are seeing in our societies, what Black people in our societies experience, is all a legacy of that. So I just thought it was tremendous. I really wish I understood Português because I would love to actually be able to hear the interviews as opposed to reading them. But I hope you all are very proud. I would love to know: what has the reception been in Brazil?*

**Tradução:** Então, em primeiro lugar: eu fiquei triste quando acabei de ler a transcrição, quando cheguei na última página, porque estava tão seduzida pela narrativa, queria continuar. Adorei que o projeto tenha o nome do pai, acho que podemos dizer isso, né, do pai da História Negra no Brasil. Mas a História Negra do Brasil é a História do Brasil, então de certa forma ele é o pai da História do Brasil, é mais correto falar assim. Foi tão... achei fascinante. E, como eu disse, quando a gente começou a se falar, eu não sabia dos muitos paralelos que existem entre a fundação do Brasil, e as tensões sobre se o Brasil seria ou não uma sociedade escravocrata, e de como... é tudo tão parecido com a fundação dos Estados Unidos. E claro, a gente vê, na maneira como você pula do presente pro passado, que o que existe nas duas sociedades, na experiência dos negros nas duas, é um legado de tudo isso. Eu achei extraordinário. Queria muito entender português pra ouvir as entrevistas em vez de só ler. Mas eu espero que vocês todos estejam muito orgulhosos do trabalho. Eu adoraria saber: como foi a recepção no Brasil?

**Tiago Rogero:** *It has surprised us, like, really. Because this is the... projeto Querino is the third podcast I've made on History and on this Afro-centered History. And it's*

*the... it's by far the the most successful one, in audience-speaking, because... In terms of the audience is a success, we have been on the top of the polls of podcast listeners, and also people are talking, and people from different backgrounds and different sorts of fields of knowledge. It's it's been amazing and it's very surprising because in Brazil we have this majority Afro-descendant population, we are more than half of population, but Brazil is a very racist country. And for a serious of reasons our Black community it's not quite a community such as in the U.S., because we have this big lie in Brazil, the biggest of all, that it's called racial democracy. Democracia racial. That it's a concept, and like, it's... under everyone's skin. Like, even Black people in Brazil, they believe that we are not a racist country, that we are a kind country, and then... Lies like that. So it's very difficult to unify and so to bring unity to our Black community, but the project is doing very well. And, also surprisingly, even though we are having these reach, we are not suffering, yet, any attacks of the conservatives. They are... I think they are so involved with the election that they just forgot about us, which I think is very good, because I've been learning with everything that had happened since 1619 project was launched. So I took some safety measures, like my social media doesn't have any more, anyone of my family: my wife, my mother, anything like that... And also other things. I was prepared for this backlash, but it still hasn't happened, which is good, I think. But I think... it's... it's like the... resuming... 'Resumindo', I forgot the word in Portuguese... in English for that. But at the end of it, I think it's very surprising for a good reason. I I didn't expect that it was going to be as huge of a success, even though we have worked a lot, it was almost three years of research and all of that... But I'm surprised, I'm surprised by the Brazilian audience. I'm very surprised.*

**Tradução:** A recepção nos surpreendeu, viu. Porque esse... o Projeto Querino é o terceiro podcast que eu fiz sobre História e essa História afro-centrada, e é de longe o mais bem sucedido, em termos de audiência, porque... a audiência é um sucesso, estivemos no topo dos rankings de podcast, e as pessoas estão falando sobre o podcast, gente de todo tipo, com históricos diferentes, de diferentes campos do conhecimento. Tem sido incrível e muito surpreendente porque aqui no Brasil temos mais da metade da população de ascendência africana, somos mais da metade dos brasileiros, mas o Brasil é um país muito racista. E por uma série de razões a nossa comunidade negra não é exatamente uma comunidade, como é nos Estados Unidos. Porque aqui tem a grande mentira, a maior de todas, o mito da democracia racial. Que é um conceito internalizado por todos. Até mesmo os negros no Brasil acreditam que não somos um país racista, que somos um país gentil... enfim, mentiras assim. Então é difícil unificar e assim trazer unidade à nossa comunidade negra, mas mesmo assim o projeto está indo muito bem. E surpreendentemente, mesmo tendo esse

alcance todo, não recebemos ainda ataques dos conservadores. Acho que eles estão todos tão envolvidos com as eleições que se esqueceram da gente, o que eu acho muito bom porque acompanhei de perto tudo aconteceu com o 1619. Tomei precauções com a minha segurança e a da minha família. Minhas redes sociais não têm mais familiares, minha esposa, minha mãe, nada disso. E tomei outras medidas também. Eu estava preparado pra uma reação forte, mas não aconteceu, o que eu acho bom. Porque, resumindo, esqueci a palavra em inglês, deixa pra lá... Eu acho que, no fim das contas, foi surpreendente por um bom motivo. Eu não esperava que fosse um sucesso tão grande, ainda que tenhamos trabalhado tanto, quase três anos de pesquisa e produção... Mesmo assim fiquei surpreso, fiquei surpreso com o público brasileiro. Muito surpreso.

**Nikole Hannah-Jones:** *Why do you... I get this question all the time, so I'm going to ask you: Why, why do you think people have responded in that way? What do you think it is? You think that the culture in some ways is just ready? I mean, outside of, you know, the quality of the project, I know... Because we know, as journalists: you can do amazing journalism and people don't respond to it. So, given that, but what, what do you think it is that at this moment it has been received in this way?*

**Tradução:** Por que você acha que... me fazem sempre essa pergunta então vou fazer pra você também: por que você acha que as pessoas reagiram assim? Qual a razão, na sua opinião? Você acha que a cultura estava preparada pra isso, de certa forma? Fora, assim, a qualidade do projeto... porque sabemos, como jornalistas, que você pode fazer um jornalismo incrível e as pessoas não darem atenção. Então, pensando nisso, o que fez com que neste momento o projeto fosse recebido tão bem?

**Tiago Rogero:** *I think it's something that you've said, that this History is not known for people, like... Project, projeto Querino doesn't have a scoop, like, this amazing new documents being released. All of that was... Historians and researchers and anthropologists, sociologists... They were producing this knowledge for such a long time. But we... The only thing that we have was, like, summarize everything and presented in a narrative form. But this is so crazy, but people, people... Like the... The response that I get from... Every day, like, every day, a lot of messages that I receive is that: 'I had no idea of that'. Every day. Every day. And I think another thing that it's very important, another aspect of it, is that: this historical moment. People are so tired of four years of Jair Bolsonaro as our president. And also we are so much influenced by the U.S., and people were tired of the elections in the U.S. and Donald Trump and the supremacists, people are tired. And I think, like, the the momentum was right, because people are feeling the need to gain tools to face these*

*struggles of now and and I think this was the main thing that we achieve, like, giving those tools to people, to everyone that believes in a better world, a more just world and things like that. I think this was like the two big reasons.*

**Tradução:** Acho que é uma coisa que você falou aqui, que essa história não é conhecida... o projeto Querino não tem um furo, não descobrimos documentos novos impressionantes, inéditos. Tudo o que está lá é o que historiadores e pesquisadores e antropólogos, sociólogos... Todos estão produzindo esse conhecimento há muito tempo. Mas nós... Só o que fizemos foi resumir tudo e apresentar de forma narrativa. Mas é muito louco isso, as respostas que eu recebo de... todo dia, todo dia, recebo muitas mensagens assim: "Eu não tinha ideia de nada disso". Todo dia. E acho que uma outra coisa importante, outro aspecto, é o momento histórico. As pessoas estão cansadas de quatro anos de Bolsonaro na presidência. E também somos muito influenciados pelos Estados Unidos, e as pessoas estão cansadas das eleições nos Estados Unidos, do Trump, dos supremacistas, está todo mundo cansado. E acho que era a hora certa, porque estavam todos precisando de ferramentas pra enfrentar essas lutas, e uma coisa que fizemos foi entregar essas ferramentas pra todos que acreditam num mundo melhor, mais justo. Acho que essas são as duas principais razões.

**Nikole Hannah-Jones:** *I mean, what I love about... And this is one of the reasons I think the project has had the impact that it's had is that you say, you know, 'We are going to do this project without concern about how the elites feel in our society'. Right? That 'we're not going to hold back to make people more comfortable'. And that was our same determination with the 1619 Project, was... I always said from the beginning, if we're going to do this, it has to be unflinching. We can't be worried about the New York, you know, we know who the typical New York Times audience is. They are not someone like me or you. But that we have to tell the truth, no matter how uncomfortable it made a white majority in our country or white people in your country or powerful people. And I think that is also why your project has had that impact. Is that that force of truth. Right? That being determined to tell the truth, even if it's painful, which sometimes we don't do in... When we're trying to do like a mass journalism project, I think that was so critical.*

**Tradução:** O que me agrada nisso... e é uma das razões, eu acho, do impacto do projeto, é o que você fala no podcast: "Vamos fazer este projeto sem nos preocupar com como as elites da nossa sociedade vão se sentir". Certo? Isso de: "Não vamos nos policiar pensando no desconforto dos outros". E isso também era o que estávamos determinados a fazer no 1619. Essa foi também a decisão no 1619, desde o início: se vamos fazer este projeto, temos que ser implacáveis.



Não podemos nos preocupar com o New York Times, sabemos quem são os leitores típicos do New York Times. Não são pessoas parecidas comigo ou com você. Mas precisamos dizer a verdade, sem nos importar se essa verdade vai deixar a maioria branca no meu país, ou os poderosos do seu país, desconfortáveis. E acho que também por isso seu projeto teve impacto. É a força da verdade, né? A determinação de dizer a verdade, mesmo que dolorosa, uma coisa que nem sempre fazemos... Quando se trata de um projeto de jornalismo de massa, isso é fundamental.

**Tiago Rogero:** *Yeah. And also I have to tell you that, like: 1619 was our big inspiration for projeto Querino, and we, we also... I always like to say that, because it is our big inspiration. And also when we were writing the scripts, like, for the... The last project that I've made, which is called Vidas Negras, it's more about biographies of Black people of History and present days. And I was more, I was more light to it. Like, I did some jokes, because I'm a... On my, with my friends and everyone at work, I'm a very funny guy and I make a lot of jokes... But at projeto Querino we were very serious about it. And Flora Thomson-DeVeaux that helped me to write the scripts, she she did a consultancy to the scripts with Paula Scarpin and also Mariana Jaspe; but Flora, she always pointed out something like: 'This need to be more Nikole Hannah-Jones. Like, you have to be more incisive about it, more direct'. And this was, like, this was always on our mind when we were writing this.*

**Tradução:** Sim. E eu preciso te contar que o 1619 foi uma inspiração pra gente e também, e eu sempre digo isso, que vocês nos inspiraram... Mas além disso, quando estávamos escrevendo o roteiro... O último projeto que eu fiz, que era chamado Vidas Negras, era mais sobre biografias de pessoas negras do passado e do presente. E eu fui mais... era mais leve. Assim: eu fazia umas piadas, porque no meu dia a dia, com meus amigos e colegas de trabalho, eu brinco muito, conto piada, sou um cara engraçado. Mas no Querino nós fomos muito sérios. A Flora Thomson-DeVeaux, que me ajudou a escrever os roteiros, foi consultora de roteiro junto com a Paula Scarpin e também a Mariana Jaspe, a Flora sempre dizia: "Você tem que ser mais Nikole Hannah-Jones". Quer dizer, tem que ser mais incisivo, mais direto. A gente pensava nisso o tempo todo.

**Nikole Hannah-Jones:** *Wow, I can't think of anything that honors me more than to hear that because that's not easy, right? And... Yeah, I appreciate that. I want to ask you, when did you come to love or be pulled in to Black Brazilian or Afro-Brazilian History? When, when... what's your story?*

**Tradução:** Uau. Não consigo pensar em nada mais lisonjeiro do que isso. Porque não é fácil, né? Muito obrigada. Eu queria te perguntar, quando você começou a se interessar, se apaixonar, pela História Negra do Brasil, pela história afro-brasileira? Qual é a história por trás disso?

**Tiago Rogero:** *So I'm a light-skinned Black man. So in Brazil, because of this racial democracy, people like me, we are educated to think that we are white. So I didn't, I didn't have any connection with this part, my ancestry, my African descendancy, when I was growing up. Even though I have the traces of an African descendant: my nose, my mouth, and also, like...*

**Tradução:** Então, eu sou um negro de pele clara. E, no Brasil, por causa desse mito da democracia racial, pessoas como eu são educadas pra se acharem brancas. Então eu não cresci com uma conexão com o meu passado ancestral, com a minha ascendência africana, desde criança. Mesmo tendo traços de ascendência africana: meu nariz, minha boca e tal.

**Nikole Hannah-Jones:** *Yeah, in America, we would clearly claim you on our team.*

**Tradução:** É, nos Estados Unidos nós sem dúvida te considerariamos um dos nossos.

**Tiago Rogero:** *Yeah, yeah. I would get, I would get "the nod"... walking on the street.*

**Tradução:** É, pois é. Eu com certeza receberia "o aceno", andando na rua.

**Nikole Hannah-Jones:** *You would definitely get "the nod"!*

**Tradução:** Você com certeza receberia "o aceno"!

**Tiago Rogero:** *Yeah. Yeah, yeah. So. But in... Here in Brazil, we have this very confuse relationship. And then it was only growing up and already leaving... because I'm from another side, I'm from Belo Horizonte, which is in another state. And then I, I came to Rio that used to be Brazilian capital and all of that. And here on Rio there are different movements, there are different Black movements that do a lot of things on the street. So I get into contact with, I was already adult, and living alone here... So I got to know all those things. But the the final moment, the limiar moment was a few years ago, I was on a lecture, on a book event, like a festival. A book festival. And one of our greatest writers in Brazil is Conceição Evaristo, and she was in a... in this table, this the session with Flavia Oliveira, which I have already known and admire. And then Conceição Evaristo told Flavia Oliveira: 'They teach*

*the Farroupilha Revolution on schools', which was a revolution that was held on Rio Grande do Sul... it was by white people. And they they teach that own schools, but...*

**Tradução:** É. Mas aqui no Brasil é uma compreensão muito confusa... Foi só quando eu cresci e saí da minha cidade, porque eu sou de Belo Horizonte, em outro estado. Foi quando eu vim pro Rio, a antiga capital do Brasil e tudo mais. E aqui no Rio tem muitos movimentos diferentes, tem vários movimentos negros que fazem muitas ações de rua. Então eu tive contato com, eu já era adulto nessa época, morando sozinho aqui... E conheci tudo isso. Mas o momento final, a mudança mesmo, foi numa palestra, num festival literário. Uma das maiores escritoras do Brasil, a Conceição Evaristo, estava numa sessão com a Flávia Oliveira, que eu já conhecia e admirava. Então a Conceição Evaristo disse pra a Flávia: "Ensinam a Revolução Farroupilha nas escolas...", que foi uma revolução no Rio Grande do Sul, uma revolução feita por brancos...

**Nikole Hannah-Jones:** *When was that revolution?*

**Tradução:** Quando foi essa revolução?

**Tiago Rogero:** *1830s. It was a very troubled moment here in Brazil, because the 'emperor' has fled away and he left his son, which was only five years old, to run the country, only five years. 'But they don't teach', Conceição said, 'they don't teach the Malê Revolution', which was a revolution in Salvador led by enslaved and former enslaved people. And I thought I have never learned about the Malê Revolution. And then I thought, I want to do something like that. And ever since that, it's only books about History or... From Black writers or from white writers who studies well these matters, and this because, ahn, from my early ages to that to that moment, I have only read mostly white authors. So I thought, no, I have to, I have to balance this. And it has been amazing.*

**Tradução:** Nos anos 1830, que foram anos muito conturbados no Brasil. Porque o imperador tinha ido embora e deixado seu filho de 5 anos pra governar. E a Conceição Evaristo disse: "Mas eles não ensinam a Revolução dos Malês", que foi uma revolução em Salvador liderada por escravizados e libertos. E eu pensei: eu nunca aprendi sobre a Revolução dos Malês. E aí decidi corrigir isso. E desde então, só leio livros de História ou... escritos por autores negros, ou de autores brancos que estudam isso bem. Porque até então eu lia principalmente autores brancos. Então pensei, não, tenho que equilibrar isso. E tem sido incrível.

**Nikole Hannah-Jones:** *Yes. I mean, it's so... It's fascinating to to hear that, because, I mean, I began down that path a lot earlier than you, but it was very similar*

*where... Once I take this one class and I see there's... Wait, there's all this History I could learn and people aren't teaching it to me, if you come to my house, people know, like, for two decades now, that's all I read. And having studied it for two decades, I'm still overwhelmed by how much I don't know. But there was just this sense of your history being kept from you, of having something stolen from you that was very critical to your development and our kind of collective identity. So it is... I mean, that's why I love being in conversation with people in other parts of the world about these things, because you realize we have all, despite different languages, I mean: I was just in the Netherlands giving a talk on 1619, because, of course, the the first ship, the White Lion was flying under the Dutch flag. And the Dutch, while they didn't have huge slave colonies, they were responsible for transporting a lot of West Africans, the Central Africans into slavery. And it was just amazing that, you know, I'm talking people from Suriname, the Dutch colony, and their experience is the same as ours and it's a Black country as well, right? And you just, you see... When all of our experiences are so similar, you understand that it's not accidental, that this was intentional.*

**Tradução:** É muito interessante ouvir isso. Eu comecei nesse caminho bem antes de você, mas foi um caminho muito parecido. Eu fiz um curso e vi que, perai, tem toda uma História que eu posso aprender e ninguém está me ensinando... Se você vir a quantidade de livros que eu tenho em casa... todo mundo sabe que há duas décadas é só isso que eu leio. E tendo estudado isso por duas décadas, ainda assim fico estupefata com o quanto que eu não sei. Era uma sensação de que a minha história tinha sido escondida, roubada de mim, num momento muito crítico da nossa formação e da formação da nossa identidade coletiva. Então, quer dizer, por isso que eu adoro conversar com gente de outros lugares do mundo porque eu vejo que, apesar da barreira da língua... Eu estava uma vez dando uma palestra sobre o projeto na Holanda porque, claro, o navio White Lion era de bandeira holandesa. E os holandeses, apesar de não terem imensas colônias, eram responsáveis pelo transporte de muitos africanos da África Ocidental pras colônias escravocratas. E foi impressionante, conversando com pessoas do Suriname, a colônia holandesa, como a experiência deles é tão parecida, sabe. A gente entende que isso não é por acidente, é intencional.

**Tiago Rogero:** *Yeah. Yeah. And also the good stuff, because we are all sons and daughters are of the diaspora and I really love to think that, it's really. So the last thing that I wanted to tell you is that. I don't know if you noticed, but 1619, the first chapter, the first essay, and also the first episode of the podcast, you start in the water. They say our people was born in the water. And then on Querino we start*

*with fire. And this was intentional because we wanted to do this, this conversation, this conversation with 1619. And also in Brazil, we have a big history involving fire. It's different from the concept of the water because most of our difficulty to having access to our history as an African descent has to do with a decision that was made by a member of our government, right after the end of bondage here, that he decided to burn all the documents of slavery. So this has a big importance for the fact that we don't know where we are from. Like, I don't know where my family's from originally and things like that, because of that decision. So we thought of making this poetic, I don't know, I don't know if we can call poetic, but this conversation with the 1619 right from the beginning of the first episode... It's just like a fun fact.*

**Tradução:** É. E também tudo que tem de bom, porque somos todos filhos da diáspora e eu gosto muito de pensar assim. Então a última coisa que eu queria te dizer é: não sei se você notou... O primeiro episódio do 1619 começa na água. Dizem que o nosso povo nasceu na água. E no Querino nós começamos no fogo. E isso foi intencional porque queríamos essa conversa com o 1619. Porque no Brasil temos uma história de fogo. É diferente do conceito de água porque a grande dificuldade de acesso à nossa história como descendentes de africanos tem a ver com uma decisão de um membro do governo da época de queimar todos os documentos da escravidão. E isso é importante porque a consequência é que não sabemos de onde somos. Assim, eu não sei de onde veio a minha família, por causa dessa decisão. Então pensamos em fazer essa poética... Não sei se podemos chamar de "poética", mas essa conversa com o 1619 desde o começo do primeiro episódio. É só um detalhe curioso.

**Nikole Hannah-Jones:** *I love that! I didn't know that that's why that decision was made. I love that. It's powerful. It is powerful. That's amazing.*

**Tradução:** Amei isso. Não sabia que foi por isso que essa decisão foi tomada. Amei isso. É muito poderoso, muito poderoso. Isso é incrível.

**Tiago Rogero:** Ah, um detalhe importante aqui.

Os roteiros do podcast do projeto Querino tiveram consultoria da Mariana Jaspe, da Flora Thomson-DeVeaux e da Paula Scarpin, e também revisão da Natália Silva.

Na primeira versão que eu escrevi do roteiro, o primeiro episódio do projeto Querino começava naquele momento em que eu tô caminhando na Quinta da Boa Vista, de frente pro Palácio São Cristóvão.

Daí a Mariana leu e sugeriu que a gente começasse com um pouco mais de emoção, transportando o ouvinte pro momento do incêndio, em 2018.

E aí a Flora não só concordou com a Mariana, como disse que além de tudo essa mudança faria com que o Querino tivesse esse diálogo direto com o 1619 já logo de cara.

O começo deles foi na água, o nosso foi no fogo.

**Tiago Rogero:** *Amazing. So, Nikole, I just want to thank you again. Thank you, first of all, for being such an inspiration for me, as a journalist and for all of us in projeto Querino because of your work. And thank you for your time, and this conversation for such a warm response to all of my contacts since the first one. And I would like, also, besides thanking you, ask you if is there anything you would like to add?*

**Tradução:** Incrível. Então, Nikole, quero te agradecer novamente. Obrigado em primeiro lugar por ser uma inspiração pra mim como jornalista e pra todos nós no projeto Querino pelo seu trabalho. E obrigada por conversar comigo aqui hoje, pelo seu tempo, pela sua resposta tão calorosa aos meus contatos desde o início. Pra concluir, tem alguma coisa que você queira acrescentar?

**Nikole Hannah-Jones:** *I guess the only thing I would like to add is: I hope that there will be a season two of your podcast. And I hope that people in your country and mine will continue to embrace learning more of these stories. And it is my dream that we will one day have these conversations together, I would love if you could come to the United States and we could discuss these projects, and I didn't get to come to Rio, which is something I've wanted to do for a very long time, so I hope there's a way that we can bring these two discussions together and that collectively those of us from the African Diaspora can work to create the future that we deserve.*

**Tradução:** Acho que só o que posso dizer é que eu espero que haja uma segunda temporada do seu podcast. E espero que as pessoas no seu país e no meu continuem a abraçar e a incorporar todo esse conhecimento e essas histórias. Este é o meu sonho, de que um dia possamos ter essas conversas todas juntas, e que você venha aos Estados Unidos e a gente possa debater sobre esses projetos. Eu não consegui ir ao Rio, coisa que há muito tempo quero fazer, e espero que a gente consiga juntar esses dois debates e que coletivamente, nós da diáspora africana possamos trabalhar pra criar o futuro que merecemos.

**Tiago Rogero:** *Yeah, definitely. We will make that happen.*

**Tradução:** Sim, sem dúvida. Faremos isso acontecer.

**Nikole Hannah-Jones:** *Yes. Yes.*

**Tiago Rogero:** Como eu disse no fim do oitavo episódio do podcast, o Querino foi pensado como um projeto multiplataforma pra refletir sobre a História do Brasil, como tudo isso explica o Brasil atual, mas também o futuro:

que país nós queremos ser; que país nós merecemos ter?

E o podcast foi o ponto de partida pra tudo mais o que o projeto tá se tornando.

Por isso fique ligado em [projetoquerino.com.br](http://projetoquerino.com.br) e nas minhas redes sociais, @TiagoRogero, pra continuar acompanhando essa jornada.

O projeto Querino foi desenvolvido graças ao apoio do Instituto Ibirapitanga.

O podcast foi produzido pela Rádio Novelo.

O nosso site, [projetoquerino.com.br](http://projetoquerino.com.br), reúne todas as informações sobre o projeto, e conteúdo adicional. O site foi desenvolvido pela Àiyé.

E eu te convido a conferir também todo o material do projeto Querino que foi publicado pela revista piauí, nas bancas e no site da revista.

A Bia Ribeiro é a dona da voz que dublou a Nikole neste episódio extra, na versão em português. A tradução da entrevista foi feita pela Branca Vianna.

No YouTube, o vídeo foi legendado e montado pelo André Paz e a Thais Fernandes.

A pesquisa do projeto Querino foi de Gilberto Porcidonio, Rafael Domingos Oliveira e Angélica Paulo, que também fez a produção.

A edição dos demais episódios foi do Lucca Mendes;

a sonorização, da Júlia Matos; e a checagem, do Gilberto Porcidonio.

Os transcritores das entrevistas foram o Guilherme Póvoas e o Rodolfo Vianna.

A finalização deste e dos demais episódios é da PipocaSound,

e a música original é do Victor Rodrigues Dias.

Estratégia de promoção, distribuição e conteúdo digital: Bia Ribeiro.

Redes sociais: Eduardo Wolff.

A identidade visual é do Draco Imagem.

O Mateus Coutinho fez o design gráfico das peças nas nossas redes sociais.

O podcast do projeto Querino teve consultoria em roteiro de Mariana Jaspe, Paula Scarpin e Flora Thomson-DeVeaux; e revisão de Natália Silva.

A Consultoria em História foi da Ynaê Lopes dos Santos.

Produção-executiva: Guilherme Alpendre.

A execução financeira do projeto é do ISPIS, Instituto Sincronicidade para a Interação Social.

Idealização, reportagem, roteiro, apresentação e coordenação, Tiago Rogero.

Agradecimentos à Nikole Hannah-Jones e à DaVonne Darby.

E a você que nos ouviu até aqui,  
mais uma vez,  
muito obrigado.